

MÚSICA
23 JANEIRO 2016

Carmen Souza e Theo Pascal

Epistola

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Voz, piano acústico Carmen Souza Guitarra Wurly Baixo e contrabaixo Theo Pascal
Bateria Shane Forbes Saxofone Nathaniel Facey

Jazz cabo-verdiano

Até há um par de anos não se poderia afirmar o mesmo, pelo simples facto de que o jazz não era um fator dominante na música da dupla criativa formada por Carmen Souza e Theo Pascal, mas com a publicação de “Epistola” em 2015 os termos foram invertidos: o disco é mais improvisado do que todos os anteriores, tem uma maior abertura conceptual e a colaboração de músicos da cena jazzística de Londres. Se o que se pretendia era ocupar um lugar nesse dúbio e enorme espaço a que mal ou bem se chama *world music*, os nomes da cantora nascida em Portugal de pais cabo-verdianos e do seu compositor, diretor artístico e contrabaixista passaram a estar definitivamente associados a essa designação muito definida que ganhou a designação de *world jazz*.

A questão tem muito maior relevância do que a suscitada por uma mudança de rótulos, pois coloca o projeto no centro de uma nova condição do jazz: ao longo do trajeto de universalização que levou este dos locais Estados Unidos para o mundo global, o género pode ter perdido alguma da sua natureza *folky*, mas tornou-se *glocal*, ou seja, ganhou uma dupla caracterização global e local, por ter introduzido elementos das práticas musicais dos lugares por onde foi passando e estabelecendo um lar.

O termo *glocal jazz* vem da cabeça do investigador e crítico Stuart Nicholson, autor do livro *Jazz and Culture in a Global Age*. Na continuação das reflexões aí expostas, quem surge, em *Beyond Independence: Globalization,*

Postcolonialism and the Cultures of Lusophone Africa, de Fernando Arenas, como um exemplo em destaque? Carmen Souza, precisamente, a jovem que tentava cantar o grande hino de Cabo Verde, *Sodade*, à sua maneira, com a pretensão de inovar a tradição das ilhas atlânticas do Continente-Mãe. A apaixonada pelas vozes de Billie Holiday, Ella Fitzgerald e Nina Simone que acabaria por ter no seu repertório um outro cartão-de-visita, este vindo dos territórios do jazz: *Song For My Father*, escrito por um tal de Horácio Tavares da Silva, assim batizado, mas conhecido por todos como Horace Silver.

O mais emblemático dos pianistas do *hard bop* era um notável filho da diáspora cabo-verdiana no outro lado do oceano. E o certo é que Carmen faz justiça ao tema, pois é ao seu próprio pai embarcadiço que se refere nas suas já habituais interpretações, dando largas à tristeza que sentia por, na infância e na adolescência, não o ver durante longos períodos. A bela canção torna-se algo de muito pessoal, algo que a convida a juntar a sua alma à que já lá se encontrava. É um dos poucos casos em que, no repertório de Carmen, se carrega o sobrolho. Regra geral, o tom é alegre, positivo, cheio de esperança.

Isso diz tudo sobre a forma de estar, na música e na vida, de Carmen Souza: a sua expressão vocal, a força das suas palavras, escritas em crioulo, português, francês e inglês, têm alcance espiritual, e este revela um propósito missionário muito cristão, fazendo-nos lembrar que ela foi em tempos membro de um coro de gospel. O desejo já não é

apenas mudar a música de Cabo Verde, mas inventar um jazz cabo-verdiano, o que pode passar pelo aproveitamento de composições como *Donna Lee*, de Miles Davis, o *standard* coltraneano *My Favorite Things* ou, não podia faltar, *Cape Verdean Blues*, de Horace Silver. Para tal efeito, Souza e Pascal não seguem aquele rumo em que “música popular” significa música sem riscos e destinada a agradar por via da facilidade.

Os improvisos da vocalista podem ser bastante audazes e complexos, remetendo-nos para a mais endiabrada Maria João. O vocabulário que utiliza é vasto, e impressiona a maneira como o seu registo alto e espesso se transforma numa representação de menina. Em termos de composição e arranjo há ainda muito que se diga nesta umas vezes saltitante, outras vezes contemplativa, combinação de fórmulas do jazz-funk-rock (curiosamente, uma área de estudo de Stuart Nicholson para caracterizar o poli-estilismo musical desde a década de 1970), do jazz latino, do *soul jazz*, do *afrobeat*, com influências que vão de Thelonious Monk, Charles Mingus e Joe Zawinul a Hermeto Pascoal, Fela Kuti e Ornette Coleman. Pascal conseguiu finalmente realizar o que não lhe tinha sido possível nos oito anos em que trabalhara com a também cabo-verdiana Sara Tavares.

Algo de tão marcante quanto isto: voltar a conferir etnicidade a uma música, o jazz, que a tinha perdido numa evolução que por um lado a intelectualizou e, por outro, a distanciou das raízes africanas, e tanto assim que atualmente os músicos de jazz negros

são uma minoria, tal como, inclusive, o público que assiste aos concertos.

Não surpreende, portanto, que o duo tenha conquistado a admiração de gente dos mais variados quadrantes do gosto. Até de David Sylvian, figura histórica da pop inteligente que tem convidado a trabalhar consigo improvisadores como Evan Parker e músicos eletrónicos como Christian Fennesz. Disse o ex-Japan: «Carmen Souza canta no seu dialeto crioulo nativo com uma intimidade, uma sensualidade e uma vivacidade de extrema leveza. A sua música tem uma enganosa simplicidade e uma claridade rara que derivam de uma mistura única de influências da sua ancestralidade cabo-verdiana, do jazz e da *soul*, criando este híbrido belo, vibrante, tendencialmente acústico e bastante acessível.»

Não deixa de ser sintomático, este apreço: o cantor não-jazz que aparentemente os apreciadores do jazz mais admiram está atento ao que se passa no jazz *glocal*, confirmando que o processo de localização da globalidade não só não está a dividir a «música clássica norte-americana» (Duke Ellington *dixit*) em múltiplos e desviantes “jazzes” ou “abstrações” / “estilizações” do jazz, como vem tendo como consequência uma aproximação das músicas existentes no mundo. O *glocalismo* revela-se como um fenómeno de diversidade integrada, por assim dizer, e é de vários lados que se ouve o que Souza e Pascal têm para oferecer. Ora vamos lá a isso.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*



Carmen Souza

Carmen Souza nasceu em Lisboa (1981) numa família cristã cabo-verdiana. Muito cedo experimentou a *sodade*, por causa das ausências do seu pai, que trabalhava no mar. Cresceu rodeada da maneira de viver cabo-verdiana, mas em que o crioulo se misturava com o português.

Na sua adolescência cantou profissionalmente num Coro Gospel lusófono. Sendo uma pessoa profundamente espiritual, Carmen sempre entendeu a música como a sua missão de vida, sentindo-se privilegiada por ter a oportunidade de se exprimir através dela, trabalhando arduamente todos os dias para merecer essa oportunidade. Na sua procura de uma voz própria foram importantes os músicos Luís Morais e Theo Pascal, mas também ouvir e estudar gravações dos grandes do jazz, como Ella Fitzgerald, Billie Holiday, Nina Simone, Herbie Hancock, Keith Jarrett, Bill Evans, Miles Davies, Horace Silver e outros.

Theo Pascal, o seu produtor e mentor, um excelente baixista, descobriu o talento de Carmen e introduziu-a no jazz e noutros sons contemporâneos que muito influenciaram o seu percurso musical.

Em 2003, com 22 anos, começou a trabalhar com Theo nos temas que seriam incluídos no seu álbum de estreia *Ess é nha Cabo Verde*. Carmen queria criar um novo som, usando o crioulo, a partir dos vários que assimilara (música de Cabo Verde, ritmos tradicionais africanos, jazz), um som

íntimo e acústico, diferente da música festiva tradicional de Cabo Verde.

O disco foi finalmente editado em 2005. Apesar de primeira obra, recebeu inúmeras críticas elogiosas que justificaram o início de uma carreira internacional, atuando no festival Womad desse ano.

Verdade foi o seu segundo álbum, publicado em 2008, um empolgante e vibrante repertório melódico, também muito bem recebido pela crítica estrangeira.

Em 2010 sai o terceiro álbum, *Protegid* em que prossegue o seu caminho de fusão, cada vez mais próprio, único, expandindo os limites da música cabo-verdiana, da música do mundo e do jazz. Coproduzido por ela, nele toca guitarra e *fender rhodes* e assina onze dos doze temas incluídos no álbum. Em *Protegid*, a singular abordagem vocal e as corajosas escolhas musicais, justificaram que fosse comparada a cantoras como Billie Holiday, Nina Simone, Cleo Laine, Earth Kitt, Marie Daulne.

O seu talento único como cantora e compositora colocou-a num lugar à parte na cena das cantoras cabo-verdianas, ao mesmo tempo que consolidava o seu próprio estilo.

O álbum recebeu ainda melhores críticas, se o podemos dizer, do que os anteriores. Por todo o mundo a imprensa reconhecia que alguma coisa nova estava a desenvolver-se. O World Music Central – dos mais reputados *sites* de música do mundo – considerou o CD um marco que iria fazer não só crescer o entusiasmo pela música cabo-verdiana, como refletir sobre ela,

repensar tudo o que nos faz gostar dos sons de Cabo Verde. O NPR (outro famoso site de música do mundo) sentenciou: “abre-se uma janela para um outro mundo”; e o *The Independent* considerou que “a voz poética é tão original, como a voz musical”.

Entre outras distinções, *Protegid* foi nomeado para o Prémio dos críticos alemães de discos, entrou nas listas dos melhores do World Music Charts Europe (WMCE) (um *site* que reflete as escolhas de especialistas em música do mundo de estações de rádio de 24 países europeus), foi pré-nomeado para os Grammy e incluído em numerosas listas dos melhores discos do ano de *world music*. Entretanto, ainda em 2010, foi reeditado *Verdade*, que também esteve nas escolhas do WMCE.

A par do seu trabalho discográfico, desde 2005 que Carmen Souza percorre

o mundo em digressões sucessivas, participando em festivais como o North Sea Jazz Festival, o London African Music Festival ou o Laverkusener Jazz Tage Festival. Vários dos seus concertos foram transmitidos por algumas das mais importantes estações de rádio e televisão. O seu trabalho foi motivo de estudo e investigação por etnomusicólogos. Um deles, Fernando Arenas, da Universidade de Minnesota, publicou *Beyond Independence: Globalization, Postcolonialism, and the Culture of Lusophone Africa*, em que dedica várias páginas a Carmen Souza.

O ano de 2011 começou com uma participação especial na RAI UNO, no Concerto da Epifania, transmitido para milhões em Itália, seguido de mais digressões pela Europa, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Cabo Verde. Saliente-se que nos EUA cumpriu 14 datas em



© Patrícia Pascal

vários Estados e abriu os festivais de jazz de São Francisco e de Monterey (a sua atuação foi transmitida pela rádio, facto até aí inédito na história do Festival), participando também no Festival de Montreal.

No início de 2012 Carmen e Theo gravam um dueto ao vivo, em Londres, com versões, muito simplificadas no acompanhamento, de canções de álbuns anteriores. *London Accoustic Set* foi também muito bem recebido pela crítica e o público. Metade das receitas das vendas foram entregues às aldeias de Crianças SOS em Cabo Verde e à UNICEF do Brasil.

Em setembro de 2012, o seu quarto álbum, *Kachupada*, foi editado em França e na Alemanha. Em França entrou diretamente na lista dos mais vendidos da WMCE e foi n.º 1 de vendas na Amazon francesa, sendo distinguido por várias revistas da especialidade. Na Alemanha o disco foi lançado através de uma prolongada digressão e, entre outras distinções, o álbum foi considerado o melhor disco da semana por vários rádios. O concerto que com grande êxito realizou na Culturgest em janeiro de 2014, baseou-se nesse álbum.

Kachupada valeu a Carmen Souza ter sido distinguida em Cabo Verde com os prémios 2013 para melhor cantora e melhor morna.

O concerto que, com Theo Pascal, apresentou em 2014 no Festival de Jazz de Lagny, em França, deu origem a um CD e DVD, *Live at Lagny Jazz Festival*, também recebido com elogios e distinções da crítica. Esteve na lista dos 10 álbuns mais vendidos na Amazon

de França e da Alemanha e na Fnac de França. À saída do disco seguiu-se uma digressão de 68 concertos por todo o mundo.

Epistola, o álbum que está na base do concerto de hoje, é apresentado em nome dos dois músicos, Carmen e Theo, o que acontece pela primeira vez em anos de trabalho conjunto. Nasceu e foi apresentado em 2015, no Festival Jazzahead de Bremen.

O CD foi Álbum da Semana (4 estrelas) do site Music Story, fez parte dos 10 melhores CDs do mês da Mezzo TV, dos dez melhores CDs da semana da estação de rádio nacional Bayern2 Kultur, etc.

Inquestionavelmente, Carmen Souza é hoje uma personalidade forte da *world music* e uma das cantoras de jazz de mais sucesso. Como disse alguém, «Carmen Souza não precisa de decidir se a sua música é jazz ou “Música do Mundo”. O seu estilo é tanto único como convincente e as suas raízes cabo-verdianas são evidentes como o seu desejo de criar uma nova linguagem sob a marca “Música do Mundo”.»

Theo Pascal

Quem conhece Carmen Souza obrigatoriamente conhece Theo Pascal, baixista e contrabaixista português. Referido pela própria como o seu mentor e principal influência, foi Theo quem descobriu o talento de Carmen Souza em 2001 e quem desde então tem acompanhado a artista tanto em estúdio como ao vivo, sendo que os dois dividem todas as composições incluídas nos sete discos lançados até hoje (2005-2015).

A sua carreira não se limita à estreita colaboração com Carmen Souza. Participou em álbuns com artistas portugueses e africanos de Cabo Verde, Moçambique, Angola e Guiné Bissau como, entre outros, Sara Tavares, Ildo lobo, Maria Alice, Eneida Marta, D.Kikas. Teve também oportunidade de trabalhar com Lokua Kansa, um dos cantores/músicos/produtores africanos melhores do mundo, estabelecido em França. Trabalhou durante oito anos com Sara Tavares, no início da carreira da cantora.

Entre 2001 e 2011, além de gravar dois discos em seu nome, *Quamundo's* e *Motive*, produziu mais de 20 CDs com artistas portugueses, africanos e brasileiros e foi o mentor de dois pioneiros programas portugueses, dedicados à descoberta de novos talentos do nosso país em áreas muito diversas como música do mundo, música africana, jazz, fusão, fado, etc.

Criou a sua própria editora discográfica que, desde 2003, trabalha com a maior editora e distribuidora independente do mundo, Peermusic.

Compôs e produziu músicas (*jingles*) para vários anúncios comerciais e para a SIC e RTP2.

Está a preparar um novo e inovador projeto na área do *world jazz* para 2017.

Carlos Martins



Jazz Sex 12 de fevereiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M6

Saxofone Carlos Martins **Bateria** Alexandre Frazão **Contrabaixo** Carlos Barretto
Guitarra Mário Delgado

O Jazz não é uma música em si mas uma maneira de se fazer música.
Willis Conover

O disco *Absence* trouxe claramente à discografia portuguesa um som diferente. Em primeiro lugar na atitude determinada de guardar o maior silêncio possível dentro do som produzido obrigando a uma disciplina inédita do coletivo. Terá sido também essa disciplina e a vontade de partilha da generosidade que conquistou o coração de tantos portugueses que escutaram o *Absence* e o transformaram num dos discos de jazz mais vendidos dos últimos anos em Portugal.

Agora haverá um novo disco, com outras nuances, que é a continuação do *Absence*, como um segundo volume

mais alegre e quente, tocando uma inquietação calma inspirada ainda numa incerta nostalgia, sentindo o pulso do ambiente que vivemos aqui e no mundo. É também fruto do natural desenvolvimento da música, dentro de um sistema permeável como é o Quarteto, em contacto com o público nos concertos feitos entretanto, em *performances* iluminadas que se afastaram ligeiramente do som inicial. Não por coincidência o último concerto feito na Culturgest, realizado também num dia 12 de fevereiro, foi um momento de celebração do CD *Água* ainda com as cores do piano de Sasseti... Em 2016 teremos outras cores e algumas surpresas, como acontece sempre que Carlos Martins vai a estúdio.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Cláudia Pereira

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt